

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO

PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GRANDE REPORTAGEM: ALTERNATIVAS ECONÔMICAS PARA
A ILHA DE SANTA CATARINA

ALUNA: SANDRA MARA DE ARAUJO

ORIENTADORA: GILKA GIRARDELLO

FPOLIS, JUNHO/88

A P R E S E N T A Ç Ã O

Este trabalho busca questionar a visão de Florianópolis apenas como uma cidade turística. Para isso, busquei informações junto a pessoas que iniciaram atividades inovadoras nos últimos anos, como é o caso de profissionais da área de informática e de vestuário. Problemas existem, como em qualquer atividade que venha a desenvolver. Mas assim como obstáculos, o que se observa são inúmeros acertos que devem ser considerados. Daí a minha reportagem tratar de pessoas que acreditaram e hoje conseguem levar adiante a idéia de Florianópolis ligada à indústria, à produção.

"Florianópolis, mercê de vontade divina, incorpora, sem sombra de dúvida, um dos mais acidentados e belos relevos do litoral brasileiro. Com tantas praias, um verão invejável, bom carnaval, bom clima, é, notadamente, detentora de excelentes condições para tornar-se cidade turística. Para tanto, além do planejamento a médio e longo prazo, recursos substanciais e infraestrutura básica, deverá haver uma firme determinação que extrapole os prazos de mandatos políticos de prefeitos, aspirações pessoais e político-partidárias, ingredientes sem os quais Florianópolis continuará sendo o que já é desde que a natureza a criou: 'um local de grande potencial turístico', que como frase de efeito é um sucesso, mas nada tem de prática, já que seus cidadãos não sobrevivem de 'potenciais' nem de 'frases de efeito'."

(considerações sobre a criação de um pólo industrial de micro-informática na Grande Florianópolis - por José Fernando Xavier Faraco)

Esta pequena introdução sobre a necessidade de instalação de outros setores econômicos que não o turismo na Ilha de Santa Catarina, mostra simples e claramente a necessidade não apenas de uma conscientização dos empresários, mas principalmente das administrações públicas.

Indústrias na Ilha? É isso, sim. Há até pouco mais de três anos, quem sugerisse a implantação delas aqui, imediatamente comprava uma briga nada fácil não só com grupos ecológicos mas também boa parte da população. Hoje a história é outra. Em dois anos, a instalação de um Pólo de Informática e outro de Vestuário mostrou que as opções existem e que depende apenas de acreditar.

Cidade "sui generis" entre as capitais brasileiras, Florianópolis tem uma população que concentra suas atividades em grande parte no setor terciário, a maior parte delas voltada para prestação de serviços, seguida por atividades sociais e administração pública. Este aspecto, e o entendimento de que o turismo é a melhor solução econômica para a Ilha pode não ter sido preponderante para este quadro, mas parece de grande importância, principalmente aliado à falta de interesse maior das administrações públicas em desenvolver outras atividades.

Mesmo com esta mentalidade tendo mudado muito pouco, é gratificante circular por dois setores produtivos que surgiram nos últimos 24 meses. Muito trabalho e a confiança de que seria compensador levarem pessoas ligadas à área de informática e de vestuário a criar pólos destas atividades, com resultados bastante positivos. Estas iniciativas, modestas por parte da prefeitura, e levadas adiante pela persistência de micro-empresários, despertou, inclusive o interesse de empresas maiores. Daí, a idéia de implantação de um distrito Industrial na Ilha de Santa Catarina deixou de ser um sonho. A partir de setembro deste ano, a WEG, grande empresa do setor de automação e motores dará o primeiro passo para a concretização do distrito. Nesta data, vai inaugurar uma indústria de automação e robótica na rodovia SC-401.

"A carência de indústrias e empresas do setor privado com capacidade de absorver a mão-de-obra acaba resultando em salários defasados em relação aos aplicados no interior". Essa é, nada mais, nada menos, a opinião do diretor técnico da WEG, Antonio Roberto Fontenelle, que irá atuar em Florianópolis, na condução da empresa que numa primeira etapa vai atuar na área de robótica, com 100 funcionários.

Antonio faz parte de um segmento que considera a instalação de indústrias de informática e vestuário a solução para a economia desgastada e com pouca oferta de emprego de Florianópolis. Mas pensar o problema da geração de recursos apenas sob o aspecto de absorção de pessoal, especialização e remuneração, não parece suficiente. É claro que o potencial econômico é importante, mas também pode ser um elemento adicional a um planejamento mais organizado da economia por parte do Governo do Estado e Prefeitura.

A implantação de distrito industrial não é idéia nova. Entre 75 e 78, houve uma verdadeira febre de instalação deles no Brasil. Poucos se desenvolveram. Aqui, a proposta ainda está no papel e a sua concretização dependerá decisivamente de iniciativa privada. A todo momento é possível se ouvir administradores reclamando que os recursos são poucos e qualquer iniciativa a nível de município e estado muitas vezes fica travada nas gavetas de repartições públicas.

O crescimento da cidade é permanente. Acontece que se passa de forma desordenada, o que favorece à marginalização social. A cada dia aumenta o número de barracos em terrenos próximos à Ponte Colombo Salles e nos mangues da Ilha. São pessoas vindas do interior em busca de trabalho e que acabam se sujeitando a morar nestes locais até que tenham uma oportunidade.

A preocupação em absorver este contingente deveria existir há mais tempo, seja ele decorrente do crescimento natural ou da imigração do interior e outros estados. Na campanha de 1985 pela prefeitura de Florianópolis, um grupo de economistas elaborou um levantamento deste e de outros aspectos da vida da Ilha de Santa Catarina e entregou aos candidatos à prefeitura. O objetivo deste grupo, coordenado por Telésforo Martins Veras, era oferecer subsídios a qualquer planejamento que viesse a ser feito para desenvolvimento da Capital.

Os dados apresentados correspondiam ao Censo de 1980, que apontavam uma população de 187 mil habitantes, hoje estimada em 250 mil. No ítem mão-de-obra ativa no ano de 1980, o estudo aponta que 67,8 por cento trabalhavam no setor terciário. A prestação de serviços correspondia a 21,6 por cento deste percentual, enquanto as atividades sociais, 17,4 por cento e a administração pública, 13,7 por cento.

Além disso, o censo apontou dados muito claros de concentração de renda e achatamento salarial: 14,4 por cento da mão-de-obra ativa percebiam menos de um salário mínimo, enquanto outros 38,2 por cento recebiam em Florianópolis até três salários mínimos. Apenas 2,1 por cento tinham renda até 20 vezes este piso.

INDÚSTRIA

Apesar da pouca representatividade da indústria na economia do município, os dados levantados pelos economistas demonstram um desempenho que não é insignificante. A partir da vocação do município, destacaram os gêneros editorial e gráfico como os de melhor resultado nos censos de 1970 e 1980. Em seguida aparecem as atividades de vestuário, calçados e artefatos de tecido. Enquanto isso, a indústria de produtos

alimentares evoluiu à taxa de crescimento da população, 3,2 por cento, mas constituiu-se na principal absorvedora de mão-de-obra, com 28,6 por cento do total em 1980. Já os setores têxtil e mobiliário, apesar de significativos tiveram participação decrescente até 1980, tendo por base os resultados do censo de 1970.

A análise global dos dados levantados resulta em sugestões, que já em 85 se baseavam nas tendências naturais da Ilha de Santa Catarina. O documento elaborado sob a coordenação de Telésforo Veras destaca esse ponto quando cita a possibilidade de expansão dos serviços especializados de alto nível ligados à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Esse desenvolvimento, segundo Veras, ficaria "dependente da exigência social". Os fenômenos de crescente complexidade da vida econômica e urbanização é que exigiam estes serviços, daí, a expansão.

Se até três anos atrás, esta atividade ocupou um segundo plano, hoje se encontra num papel de destaque dentro das possibilidades de desenvolvimento. No relatório, o ponto colocado como impulsionador da economia era mesmo o papel de Florianópolis como Centro Administrativo, com ligação direta à função de governo. Mas os economistas frisam que a presença do governo na sociedade depende de dois fatores básicos: e grau de complexidade da economia e a urbanização da sociedade. Para eles, nas sociedades que se modernizam, esses fenômenos têm tendências crescentes, de onde a conclusão de que a perspectiva é de aumento das exigências quanto ao papel e a presença do Governo.

Já o turismo é colocado num patamar da menor dimensão, mas também como elemento dinamizador da economia de Florianópolis. A consideração mais relevante, porém, é de que embora tradicional, a sua expansão era relativamente crescente e ainda impossível de ser analisada.

Esses dados, apesar da grande utilidade para um entendimento mínimo do processo econômico da Ilha, ainda não permitem a formulação de soluções definitivas, até porque isso não será obtido de uma hora para outra. Mas, se analisarmos estas informações, é possível ver que o horizonte destas duas alternativas atualmente em desenvolvimento levam a bons frutos. Daí, analisarmos tanto o Pólo de Informática, como o de Vestuário, que entre si têm um ponto em comum: surgiram da iniciativa de microempresários como forma de superar as dificuldades que encontravam no dia-a-dia.

PROPOSTA DE QUEM ENTENDE

Na mensagem clara e objetiva do engenheiro José Fernando Xavier Faraco, uma realidade: é preciso uma forte determinação que extrapole a mandatos de prefeitos e aspirações pessoais ou partidárias para que a Ilha de Santa Catarina deixe de ser somente "um local de grande potencial turístico". Cabeça de um grupo de profissionais da área que sentia as dificuldades de obtenção de equipamentos e importação de materiais, Faraco lançou, no final de 1985, e conseguiu a implantação do Pólo de Informática em setembro de 1986.

A condição de Florianópolis como centro gerador de especialistas na área de informática foi o trunfo principal na luta pela implantação do Pólo, hoje em funcionamento na Trindade, com 19 empresas distribuídas entre a Incubadora Empresarial Tecnológica e o Condomínio Industrial de Informática. Comprovando a argumentação inicial de Faraco, os Cz\$ 12 bilhões e 150 mil investidos pelo Governo do Estado e pela Prefeitura de Florianópolis em setembro de 1986 já retornaram através da arrecadação de impostos.

Aliado a isso, a UFSC, como centro formador de mão-de-obra especializada nas áreas de mecânica fina, usinagem de peças de precisão, controle de processos e eletrônica de telecomunicações foi um grande embasamento ao projeto dos micro-empresários de informática. Já atuantes neste setor, alguns conheciam as dificuldades do dia-a-dia e propuseram, então, a infraestrutura hoje instalada. A proposta era simples: um espaço único, dividido em módulos; para a incubadora, uma administração também única, incluídos aí os trâmites para importação de matéria-prima. Além disso, os equipamentos mais caros e de uso menos frequente constavam como de propriedade conjunta, o que viabiliza hoje o desenvolvimento de maior número de projetos.

Desde 1980, algumas empresas operavam na área de informática, principalmente em processos de automação em telecomunicação, inclusive colocando seus produtos fora do Estado. E foi exatamente este o argumento de Faraco para questionar quem alardeava que a indústria e o turismo não podem caminhar juntos. Isto porque a indústria que se configurava, aqui, e continua a ser produzida, era de ponta, e das mais avançadas. Com o acréscimo de que a solidez de preços de venda iria elevar a arrecadação do município e do Estado, com vantagens adicionais: oferecer trabalho aos técnicos e engenheiros aqui formados, capitalizar para cá os investimentos em tecnologia e difundir imagem de Florianópolis ligada a este campo.

A "fórmula mágica" desde o início dependeu apenas de um pouco de crédito por parte dos poderes públicos e absorveu a mão-de-obra local, que tinha por opção o serviço público e o comércio estritamente ligado ao turismo. Uma sugestão simples que pedia recursos iniciais para andar com as próprias pernas e que era acima de tudo, uma das poucas alternativas limpas e silenciosas e que comprova a conclusão de Faraco em seu documento: "As boas idéias estão no ar. Basta captá-las".

E hoje o Pólo de Informática instalado na Trindade não mostra outro resultado senão este. A boa idéia plantada germinou e começa dar os primeiros frutos. Mesmo sem números precisos para a economia, as 130 admissões por parte apenas da Dígitro e a WEG até janeiro, comprovam a eficácia da iniciativa. Considerando que a média de salários a serem pagos pela WEG é de Cz\$ 60 mil, fica confirmada pelo menos a circulação de Cz\$ 6 milhões na Ilha de Santa Catarina.

Quanto à absorção de técnicos formados em Florianópolis, o sócio da Dígitro, Geraldo Faraco, destaca que o Pólo deu a opção de permanência deles aqui. "O estado investe neste camarada aqui e ele depois vai embora. Assim não, assim ele fica, são cabeças boas", acrescenta Geraldo, que destaca um detalhe importante: "Você sabe que tecnologia é uma coisa que não está num aparelho. Ele é o produto final da tecnologia, mas ela reside na cabeça das pessoas".

Muito bem estruturado, o Complexo Industrial de Informática instalado na Rua Lauro Linhares é dividido em dois setores: a Incubadora Empresarial Tecnológica (IET) e o Condomínio Industrial de Informática (CII). No IET, a filosofia é a do empurrão inicial. Ali, as boas idéias tomam corpo mesmo se a firma tem pouca estrutura para desenvolvê-la. A tônica é simples, com uma administração centralizada e dependências de uso conjunto, como sala de reuniões e de treinamento e Biblioteca. Com isso os gastos ficam bastante reduzidos dando mais tranquilidade ao idealizador do projeto para que leve adiante o seu produto.

Já no CII, as administrações e departamentos administrativos são separados, até mesmo porque as empresas instaladas contam com alguma infraestrutura e experiência. Em comum ficam os laboratórios e atividade des-meio, como é o caso do telex e alguns equipamentos mais caros e que não demandam a utilização constante. Assim, este material é usado no regime de revezamento, sem prejuízos a nenhuma das empresas.

Mas o ponto primordial mesmo, é lembrado pelo administrador do CERTI (Centro Regional de Tecnologia em Informática), Ramsés Rodolfo: a apresentação. Como muitos dos integrantes do Complexo são micro-empresários, suas firmas funcionavam em fundo de quintal. "A sua transferên

cia para o prédio do Pólo permite, portanto, uma referência mais concreta e que dá maior credibilidade à empresa e aos produtos que fabricam". Além disso, Rodolfo destaca que onde estão instalados, há a possibilidade do reconhecimento até por parte de autoridades da área de informática que vez por outra fazem uma visita. O modelo adotado nesta experiência utiliza os conhecimentos da UFSC e do Centro Regional de Tecnologia em Informática (CERTI) no setor produtivo nacional e é inspirado em projetos similares implantados com sucesso junto a Universidades no Exterior. Este caráter de pioneirismo da iniciativa no Brasil traz vantagens, mas exige também uma certa dose de aventura. Sendo o primeiro, há destaque no reconhecimento dos bons resultados, mas muitas vezes a situação é outra. "A solução de problemas, por exemplo, em algumas ocasiões fica dificultada pela falta de parâmetros". É esta a grande aventura para Ramsés Rodolfo que considera, a adaptação de modelos similares do exterior à nova realidade algo que exige acima de tudo "criatividade e bom senso".

ROBÔS NA ILHA

De repente robôs passarão a fazer o trajeto da SC-401 em direção ao interior ou mesmo ao Estado de São Paulo. Não, não são máquinas invasoras e sim a produção de robótica industrial que a WEG vai iniciar no mês de setembro, quando inaugurar suas novas instalações na rodovia Vergílio Várzea. Ali estarão trabalhando cerca de 100 funcionários, a grande maioria formados pela UFSC e Escola Técnica Federal de Santa Catarina. Apesar de ser uma empresa de grande porte, a WEG é uma das integrantes da Incubadora e utiliza desde janeiro de 87 as suas dependências.

Ao se iniciar na nova atividade, a WEG optou por Florianópolis e a expectativa do diretor técnico, Antonio Roberto Fontenelle é de que até dezembro tenham sido aplicados 4 milhões de dólares no empreendimento. Neste valor estão incluídos gastos com aquisição de terreno, construção equipamentos e treinamento de pessoal, inclusive com especialização no exterior.

Com dificuldade em obter mão-de-obra, Fontenelle disse que a solução encontrada pela empresa foi a de se transferir para a Ilha, onde acontece a formação de engenheiros e técnicos. "A WEG está sendo a primeira empresa do setor industrial a se instalar na Ilha de Santa Catarina. Esse foi um tabu que ela quebrou e acredito que atrás outras empresas da área de informática virão". "Com este ponto de vista,

Fontenelle defende a instalação de indústrias não poluentes como solução para que Florianópolis deixe de ser simplesmente uma cidade turística.

A opção inicial de ocupar um espaço relativamente restrito na Ilha, segundo Fontenelle, resultou de um convite do CERTI. Desde o início, porém, havia a consciência de que esta alternativa era provisória, até a conclusão da primeira etapa da fábrica, em setembro. No espaço inicial de 3 mil e 200 metros quadrados construídos, será instalada a indústria de robótica. Ela prevê a produção de robôs e produtos correlatos para aplicação em indústrias de automóveis, de tecidos, couro, madeira e de produtos gráficos, para automatizar máquinas e processos de produção, desde produtos isolados a sistemas mais complexos, chamados robôs lineares.

Este robô é o que Fontenelle classifica como o que há de mais moderno no exterior. Será utilizado em máquinas-ferramentas com possibilidades variadas de aplicação. De acordo com o diretor-técnico, será o produto resultante da aplicação conjunta do servomotor e do servocontrolador, que aliados ao "cérebro do sistema", o posi-WEG, determinação onde parar e que velocidade gerar. A partir destes equipamentos, agregados à mecânica, surge o sistema de posicionamento "posemin", que resultará no robô linear. Seu trabalho básico será o transporte e manipulação de materiais de alta periculosidade na indústria.

Com o entendimento de que a indústria de informática é de conhecimento e idéias, Fontenelle diz, que a WEG não se descuidou da preparação dos profissionais que irão trabalhar na nova empresa. Lembra que hoje há nove técnicos fazendo cursos na Alemanha, onde mantêm convênios com universidades e empresas privadas. O retorno deste investimento, que não é pequeno, vai demorar. O diretor técnico destaca, porém, que a intenção é montar uma empresa de médio porte voltada para a alta tecnologia e que tem o objetivo de se tornar grande. Por isso a necessidade de bons profissionais.

Se as previsões de Fontenelle estiverem corretas e outras empresas não poluentes também se instalarem na Ilha, poderá estar aí a solução econômica tão procurada. Assim, poderia também ser eliminada a defasagem de salários pagos aqui a técnicos especializados, se comparados com os praticados no interior do estado.

DO HOBBY AO PROFISSIONALISMO

Tudo começou quando dois estudantes de engenharia elétrica, com um pequeno laboratório de fundo de quintal resolveram atender aos pedidos dos amigos e fabricar pequenos aparelhos para rali. Este é o começo de uma história quase sempre comum quando se fala em micro-empresários de informática. Na verdade este foi o começo da Dígitro, empresa de José Fernando Faraco com mais quatro sócios, que desde 1981 produz equipamentos para concessionárias telefônicas de todo o país. E para o público geral, nos próximos meses, lançam o identificador doméstico, que agregado ao telefone oferecerá diversos serviços, além da identificação de quem está ligando.

José Fernando e um amigo de faculdade começaram fabricando pequenos aparelhos para outros amigos, como um relógio para rali, com divisão dos minutos em 100 partes iguais para facilitar o cálculo do tempo nas competições. Ao final do curso de engenharia elétrica da UFSC, Marcos Rigueira, um de seus colegas, decidiu fazer mestrado em Campinas, de onde retornou para trabalhar no laboratório de desenvolvimento da Telesc. Ali eram estudados novos projetos para dinamização dos serviços de telefonia.

O sócio e diretor administrativo da Dígitro, Geraldo Faraco, lembra hoje que dali saiu a idéia de automatização do serviço 134, o teledespertador. Diz que a burocracia no setor público tornou mais viável a contratação de uma empresa e a Dígitro se candidatou para desenvolver o projeto. Era em 1981, e com este trabalho iniciaram-se as atividades empresariais do antigo Hobby.

De lá para cá, mudaram os sócios e aumentaram assim como o número de projetos desenvolvidos. Segundo Geraldo, no início foi difícil, até porque não havia condições de contratar sequer estagiários para o trabalho. Por isso ele e um outro estudante de engenharia elétrica, ambos irmãos de sócios, acabaram trabalhando antes mesmo de se formarem. Eram pessoas de confiança e faziam todo o tipo de trabalho. Geraldo acabou como sócio e hoje se mostra otimista com as possibilidades de comercialização dos projetos saídos da Dígitro.

A primeira concessionária de outro Estado a fazer solicitação de equipamentos à Dígitro foi a Telepar (Telecomunicações do Paraná), que precisava de um tarifador do 102. Assim as informações de auxílio à lista só seriam automaticamente cobradas se o número solicitado constasse do catálogo. Depois deste vieram muitos outros trabalhos e no dia-a-dia, as dificuldades eram superadas dentro do possível. Mesmo que já relativamente estruturada, a Dígitro passou a integrar o Condo

mínio Industrial de Informática.

Geraldo diz que já em setembro de 86, teriam condições de se instalar sozinhos, mas como a Dígitro era uma das empresas que haviam encabezado o projeto e havia ainda algumas resistências, aceitaram ocupar o espaço a eles destinados no condomínio. Hoje, a expectativa de Geraldo é de que em dois anos estejam já instalados em sede própria.

Mais do que promissor, o negócio cresceu e chega ao ponto de Santa Catarina ser o menor mercado da Dígitro. Hoje praticamente todas as concessionárias de telefonia conhecem e se utilizam de equipamentos da Dígitro. Geraldo diz que a receita desse sucesso é o investimento no corpo técnico e pesquisa. A cada conclusão de um projeto, um outro é buscado, o que exige da direção um reinvestimento constante. É esse o ar respirado dentro do Pólo, o que Geraldo Faraco sintetiza: "Se você deixa um grupo desses sem um desafio novo, deixa os caras malucos. Eles têm que ter novidade, sempre alterando, pesquisando e melhorando cada projeto".

TEM UMA COSTUREIRA AÍ?

A pergunta pode parecer uma brincadeira, mas a grande dificuldade do setor de vestuário era exatamente esta: a costureira treinada. E este problema era sentido apenas pelos proprietários de confecções, até que um dia, Ninita Muniz sugeriu a um dos assessores do então candidato a prefeito Édison Andrino, que a solução para a falta de empregos era não ter pessoal capacitado para trabalhar, principalmente no vestuário.

Há muitos anos trabalhando com confecções, Ninita levou adiante esta proposta e conseguiu ainda mais, a implantação de um Pólo do Vestuário, que hoje busca facilitar a vida do pequeno empresário e incentivar a abertura de novas confecções. O primeiro passo foi a instalação de uma escola de costura, conseguida sem muitos recursos da Prefeitura, que constantemente anuncia dificuldades financeiras.

Com muita coragem, Ninita é hoje a assessora para assuntos econômicos da prefeitura. Dali ela coordena a realização de feiras, exposições e participação de empresas em eventos de outros estados. Confiante no trabalho que desenvolve, diz que no início houve muita dificuldade e que ao iniciar as atividades na prefeitura questionou o prefeito Édison Andrino sobre como fazê-lo e teve como resposta: "invente". "Não havia estrutura e nem mesmo uma secretaria que se responsabilizasse pelo projeto", lembra Ninita.

Ainda assim, reuniu a comissão de estudos do Pólo do Vestuário e conseguiu constituir uma Associação da Indústria do Vestuário da Grande Florianópolis, a Assinvest. Em seguida conseguiu a inauguração de uma escola de Costura e Estilismo e com o trabalho da Associação, pressionou a prefeitura a estimular a participação de indústrias locais em eventos.

Apesar das dificuldades de obtenção de máquinas de costura - era 1986, Plano Cruzado - Ninita conseguiu a instalação da escola, em uma sala cedida pela Prefeitura. Quando faltaram máquinas, cedeu as de sua confecção e levou adiante. Nesta época eram 95 confecções e nos seus cálculos, ofereciam de 900 a 1000 empregos diretos.

Em maio de 1986, quando iniciou-se a primeira turma, já havia o convênio com o Senai (Serviço Nacional da Indústria), que cedeu a professora Terezinha Reis, até hoje trabalhando na formação de mão-de-obra. De lá para cá, pelo menos 1000 profissionais foram formados entre costureiras profissionais de corte, estilistas, modelistas, mecânico de máquina de costura e supervisores de produção. E Ninita garante que todos saíram do curso empregados.

TRANSADA E PRODUZIDA

Depois do início do Pólo de Vestuário, inúmeras outras pequenas confecções foram inauguradas. Nem todas estão às mil maravilhas. Algumas fizeram empréstimos durante o Plano Cruzado para bancar o início das atividades e estão hoje na mesma situação que boa parte dos microempresários que brigam pela isenção dos juros e correção monetária dos financiamentos.

Mas os que ficaram em situação estável não reclamam e continuam trabalhando a todo vapor. É a própria Ninita que destaca um detalhe interessante: "A moda feita aqui é diferente, a roupa de verão daqui é do tipo que se vê em vitrines de Londres. Uma roupa transada e produzida".

Com esta linha de raciocínio e confiante está a proprietária da confecção "Baton Vermelho", Maria de Fátima Dutra Póvoas. Hoje com uma loja instalada junto à fábrica, na Avenida Mauro Ramos, vendendo para o Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e algumas cidades do interior do Estado, Fátima diz que "não tem jeito mais de parar. A gente vai para a frente. É a minha vida isso aqui".

Fátima é uma das tantas pessoas que nos últimos três anos decidiu jogar para o alto um bom emprego e apostar em seu próprio negócio. Com atividades sempre ligadas a moda, aprendeu o "know-how" e aos pouco mais de trinta anos decidiu ter seu próprio negócio. Em sociedade com sua irmã, Vera, produz os modelos detalhe por detalhe.

As duas sócias se dizem orgulhosas quando encontram mulheres vestindo sua griffe. Concordando com Ninita Muniz, Fátima diz que "a moda produzida aqui tem um 'quê' diferente da de São Paulo ou outros centros". Esse toque peculiar e especial é o que Fátima qualifica como "a criatividade de cada um e que tem muito no povo daqui".

A preocupação com a roupa a ser comercializada é tanta, que Fátima e Vera preferem dizer que fazem as roupas para elas mesmas, "e as pessoas gostam. Partimos daí e tem dado certo". Porém uma mágoa é declarada, a cópia de alguns modelos por parte de outras confecções. "É uma concorrência desonesta. Isso aí é gente que não tem cabeça para boiar, muita gente acha que é fácil. Tem que ter criatividade, montar modelos bonitos, transados, que vistam bem. Para a gorda, a magra...", desabafa Fátima.

HOMEM NA RODA

No perfil das pessoas que procuram o Pólo de Vestuário para especialização, Ninita destaca as mulheres que não se conformam em ficar em casa ou mesmo mulheres modernas que querem sua independência financeira. Estas, segundo Ninita, não têm a intenção de competir com seus maridos, geralmente desempenhando bons cargos, "querem provar para si mesmas que são capazes de alguma coisa". E em alguns casos, a idealizadora do Pólo diz ter constatado que o negócio cresce e em determinado momento até mesmo o marido passa a trabalhar junto.

Mas nem sempre o homem se inicia na atividade desta maneira. Uma exceção é Marcélio Guilherme Ávila, de 23 anos, e seu irmão Marcílio, de 22, que há pouco menos de dois anos deixaram seus empregos e se lançaram no ramo de confecção. Na euforia do Plano Cruzado, Marcélio havia recém deixado o serviço no Banco Bamerindus, e fazia trabalhos de free-lancer como jornalista - apesar de não ser formado - quando recebeu como pauta, uma matéria sobre o Pólo de Vestuário.

"Acreditei desde o início. Era algo que não tinha como dar errado. Se houvesse uma coesão de todas as confecções, esta união, não tinha como falhar essta proposta da Ninita Muniz". Com esta confiança, Marcélio e Marcílio iniciaram as atividades com uma Singer Biônica e uma Overlock. O dinheiro que tinham não era suficiente nem para isso,

mas com empréstimo bancário da época do Cruzado começaram a trabalhar.

Com produção na linha sport wear, conseguiram uma boa aceitação de seus produtos. Os períodos difíceis chegaram no início de 1987, quatro meses após a instalação da firma. A partir de janeiro, a solução surgiu com as feiras ao consumidor promovidas pelo Pólo do Vestuário. "A gente está estruturado por sermos pequenos e não estarmos envolvidos com muitas dívidas" diz Marcélio, que reconhece desde o Cruzado, ter consciência de que o plano era um paliativo até as eleições.

Este entendimento direcionou a condução de sua empresa e, além de conseguir quitar a dívida com o banco, continuou reinvestindo na empresa todo o lucro. A grande vantagem de Marcélio em relação às outras confecções foi a colocação de seus produtos junto ao comércio lojista local. Ao contrário da tendência geral, as jaquetas produzidas por ele despertaram o interesse pela qualidade e aceitação do consumidor.

Ao contrário de Fátima, da "Batom Vermelho", que reclama dos lojistas da Grande Florianópolis, Marcélio mantém a griffe "Origin's" e contorna a exigência de exclusividade pedida pelo comércio local lançando uma segunda marca, a "Primata's". Com esta nova griffe, participam das feiras direto ao consumidor sem criar atritos com os lojistas e segundo seu irmão, Marcílio, a tendência é de crescimento.

Mas o respeito com o trabalho na confecção não fica restrito aos lojistas e ao consumidor. Também as oito costureiras que trabalham na "Origin's" têm a sua parcela. Marcélio diz que a grande maioria mora próximo à confecção. O salário pago é acrescido de mais alguns cruzados quando há necessidade de maior cooperação para entrega de alguma encomenda. Muito aberto e brincalhão com suas funcionárias, Marcélio oferece algumas vantagens para as que têm filhos menores. Se não podem trabalhar no período da manhã, compensam ficando até um pouco mais tarde.

Marcélio não vê sua empreitada como uma aventura. Hoje, depois de começar com a consciência de que o negócio seria lucrativo e direcionar a ação para consolidar seu produto, reconhece que o ponto principal é montar uma estrutura de venda. "Eu acho que no fundo, as pessoas se enganaram ao se lançar para fazer algo no Plano Cruzado. Uma confecção leva três anos para dar lucro. E neste período não dá para fazer muitas dívidas", diz Marcélio ao falar sobre seu negócio. De qualquer forma, complementa dizendo que se fosse para começar hoje, não iniciaria nesta atividade. "Aí sim seria uma aventura", conclui.